

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA ONLINE E AO VIVO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO OFÍCIO DO PROFESSOR

Online and live English language teaching: perspectives and challenges in the teacher's craft

Juliana de Castro Moreira da SILVA (Faculdade de Tecnologia de Mauá, São Paulo, Brasil)

Márcia Ferreira SCHLEMPER (Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, Brasil)

Patrícia Gimenez CAMARGO (USP/FFLCH, São Paulo, Brasil)

RESUMO: *O presente artigo tem como objetivo principal discutir o ensino online e ao vivo implantado na maior parte das redes de ensino durante o momento da pandemia do coronavírus. Apesar do uso de novas metodologias e das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) adotadas na pandemia, a formação de professores para a atuação online e ao vivo em diversos níveis de ensino não era realidade no Brasil. Ensinar língua inglesa a partir dessa perspectiva exige uma postura proativa dos profissionais educadores, que será apresentada e discutida ao longo do artigo.*

PALAVRAS-CHAVE: Ensino online; Ensino ao vivo; TICs; Língua inglesa

ABSTRACT: *The aim of this article is to discuss online, and live teaching implemented in the great majority of education institutes due to the coronavirus pandemic. In spite of the new methodologies and Information and Communication Technologies (ICTs) adopted in the pandemic, teacher's training to act in online and live teaching in several education levels was not a reality in Brazil. Teaching English language through this perspective demands a proactive attitude from teachers, which will be presented and discussed along this article.*

KEYWORDS: Online teaching; Online learning; ICTs; English language

INTRODUÇÃO

Em 2020 o mundo parou. A parada não foi estratégica, foi imposta. A pandemia do coronavírus motivou o fechamento de escolas, restringiu o livre acesso de pessoas e exigiu uma série de adaptações foram necessárias para a instalação do “novo normal”.

A escola não ficou de fora. A suspensão das aulas presenciais impediu milhares de alunos no mundo de comparecerem aos institutos educacionais, no entanto, um questionamento pairava: como permitir que crianças, jovens e adultos mantivessem os estudos e tivessem acesso ao conhecimento em um mundo pandêmico?

No Brasil, muitas são as realidades encontradas, desde lugares e alunos que possuem total acesso aos meios de comunicação, incluindo meios de comunicação de massa e acesso à internet, até locais distantes em que não há oferta de comunicação a distância.

Discutir o ensino *online* e ao vivo faz sentido apenas para uma parte da população brasileira; todavia, as lições aprendidas por professores e alunos/as podem ampliar a relação de ensino-aprendizagem, inclusive em locais que o acesso à internet não seja possível. O resultado advindo das atividades aplicadas, dos meios de comunicação utilizados e das possibilidades de abertura e de comunicação de novas frentes que gerem aprendizado poderão ampliar a visão dos professores e motivá-los a encontrar possíveis caminhos para o ensino.

Este artigo tem por objetivo discutir as dificuldades encontradas a partir da perspectiva do professor ao lidar com aulas *online* e ao vivo. O modelo foi incorporado em várias redes de ensino em todo o país; apesar de não ser um modelo novo, a utilização diária trouxe consigo dificuldades a serem vencidas e uma nova proposta de ensino.

A materialidade corpórea, ainda que *online*, se fez presente, uma vez que professores e alunos estiveram conectados por todo o tempo como se estivessem em um ensino presencial. Debater as diferenças entre as modalidades de ensino e as necessidades que o novo modelo enseja é matéria mais que necessária para a formação e para o ofício do professor.

1. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA AO VIVO E ONLINE

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece o incentivo ao desenvolvimento de ensino a distância. O artigo 80 trata da questão e assim se apresenta: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.”

Os cursos superiores tiveram, a partir de 2001, a possibilidade da inclusão de parte de sua carga horária (20% da carga horária total) em atividades a distância. Ao passar do tempo, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) - reformulou os decretos e ampliou o acesso de discentes à educação a distância por todo o território nacional bem como a ampliação da carga horária de atividades a distância nos cursos presenciais (até 40% da carga horária total)

Vale ressaltar que temos vários tipos de ensino em operação no cenário nacional. Apresentaremos os principais modos de ensino a distância para podermos relacionar o cenário pandêmico e esse tipo de ensino.

Cursos Superiores Presenciais – são aqueles que tem a maior parte da carga horária (60%) ofertada de forma presencial em estabelecimento de ensino superior. Nesses cursos é permitido uma carga horária de até 40% em atividades a distância.

Cursos Superiores a Distância – são aqueles em que as atividades são realizadas a distância por meio de tecnologias de informação e comunicação (TICs), ainda que com suporte didático-pedagógico, conforme estabelece o Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017.

Cursos Superiores Híbridos- apesar de a nomenclatura ser amplamente utilizada na educação, os cursos híbridos são, em sua maioria, considerados cursos a distância com atividades presenciais, ou seja, um modelo de ensino que prevê atividades presenciais.

Com a pandemia, um modelo pouco experimentado anteriormente vem se estabelecendo como forma de ensino: as aulas *online* ao vivo. Nessas aulas, professores e alunos se conectam por meio de tecnologias de informação e comunicação (TICs) e permanecem *online* por todo o tempo da aula. Questões metodológicas e de ensino relativas ao modelo devem ser discutidas a fim de instrumentalizar professores e de se definirem propostas adequadas ao modelo.

2. PERSPECTIVAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA ONLINE

A maioria das escolas, no Brasil, não estava preparada para o ensino remoto; a maior parte delas não possuía e, algumas, um ano depois da fase pandêmica que ainda não acabou, não possuem plataformas voltadas para o ensino *online*. É o que afirma uma pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2019. Além disso, pelos dados da pesquisa, conclui-se que boa parte dos professores que leciona na área urbana não tem formação para o ensino *online*. Desse modo, o fato do despreparo no uso de tecnologia específica para o ensino remoto tem causado defasagem na educação brasileira e o que já era precário sofre com o desconhecimento tecnológico e a discrepância social econômica do país.

Além disso, a maioria dos alunos não possui acesso à internet em suas residências e, até mesmo, alguns professores não têm acesso a uma banda larga de qualidade.

Enfim, as escolas brasileiras estão pagando um preço alto pelo despreparo de seus professores, pegos de surpresa em meio a uma situação que exige total domínio tecnológico como ferramenta de educação. Na verdade, além dos pontos discutidos anteriormente, a maior parte das escolas brasileiras ainda não tinham adotado os modelos inovadores trazidos pela revolução tecnológica, os quais vêm transformando a educação, conforme afirma Moran (2017, p. 72), “a maior parte das escolas está ainda muito distante desses modelos inovadores, presa a currículos disciplinares, a tempos muito definidos, a privilegiar o conhecimento intelectual, o conteúdo, a prova.”

Segundo o autor, as escolas brasileiras não inovaram, não acompanharam as mudanças, continuam estacionadas dentro de um mundo dinâmico, que muda o tempo todo. Ainda de acordo com o autor (2017, p.66)

Nesse cenário tão dinâmico, a escola parece parada no tempo. Está off-line em um mundo on-line. [...] A escola parece um museu, um outro mundo, um espaço de confinamento, quadrado, com tempos marcados para cada área de conhecimento, para cada atividade, para cada avaliação. A escola parece fora do lugar em mundo conectado on-line.

É necessário propor novas concepções, ampliar novos olhares e estabelecer novas conexões. O papel do professor em relação a um novo jeito de aprender, compreender e de acompanhar a transformação tecnológica, na qual o mundo mergulhou, deve ser repensado. O professor deve estar apto a lidar com as novas tecnologias digitais na educação, e com as formas diferentes de ensinar.

O fato é que existem maneiras novas de dividir saberes, e o professor precisa estar ciente de que o aluno, atualmente, assume o papel de protagonista na construção de seu conhecimento, mas para tanto, é necessário um corpo docente capacitado para conduzi-lo pelas veredas do saber.

3. PROFESSORES, COMO SE PREPARAR PARA ESTAS MUDANÇAS?

Uma pesquisa desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2019, a respeito do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras, urbanas e rurais, públicas e privadas no Ensino Fundamental e Médio, aponta para a forma precária do professor em adquirir os conhecimentos tecnológicos necessários à sala de aula. O foco da pesquisa foi desenvolver um olhar para o uso dos recursos tecnológicos por alunos e professores

nas atividades de ensino e aprendizagem. (CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)

Alguns dados levantados em relação aos professores das escolas urbanas e suas dificuldades com o uso das tecnologias no preparo das atividades pedagógicas podem auxiliar em relação a como proporcionar possibilidades de os professores desenvolverem seus conhecimentos para atuarem no novo modelo. A pesquisa aponta que as principais dificuldades estão relacionadas à ausência de cursos específicos para o uso da internet e de computadores em aula. Além disso, uma grande parcela dos professores entrevistados aponta o fato dos equipamentos, em sua maioria, serem obsoletos ou ultrapassados.

Ao serem perguntados sobre as formas utilizadas para a atualização sobre tecnologia, as respostas estão mais relacionadas aos esforços pessoais e na interação com outras pessoas, professores e alunos, e tutorias e vídeos *online*, do que em cursos de atualização.

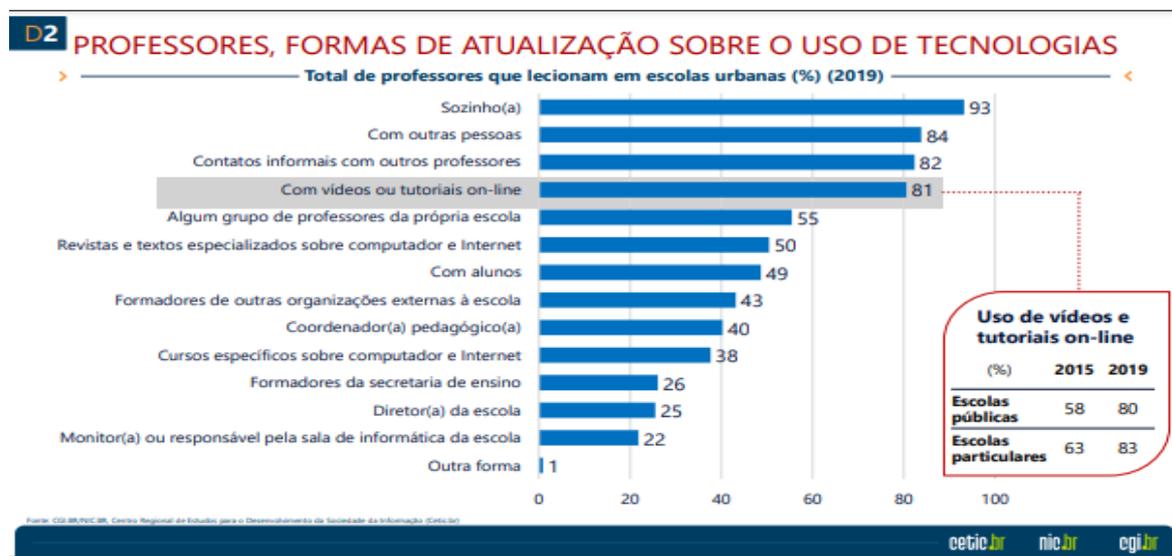


Gráfico I – Fonte: TIC Educação

Tal fato aponta para a importância da rede de contatos na exploração e na atualização no que tange ao uso de tecnologias.

A atualização dos professores é um dos pontos da pesquisa. A participação em cursos, debates e palestras sobre o uso de tecnologia é uma das formas mais utilizadas pelos professores para poderem acompanhar as mudanças tecnológicas implementadas. O número de professores que afirma utilizar a internet para desenvolver ou aprimorar conhecimentos é bem alto (82% dos respondentes). Dessa forma, cumpre lembrar que a tecnologia está presente a todo momento da profissão docente, tanto na preparação das atividades quanto no exercício da profissão. O gráfico abaixo (apresentado na pesquisa) corrobora a importância das TICs na educação.

D3 PROFESSORES, PARTICIPAÇÃO EM CURSOS, DEBATES, PALESTRAS SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS EM ATIVIDADES PEDAGÓGICAS, NOS ÚLTIMOS 12 MESES

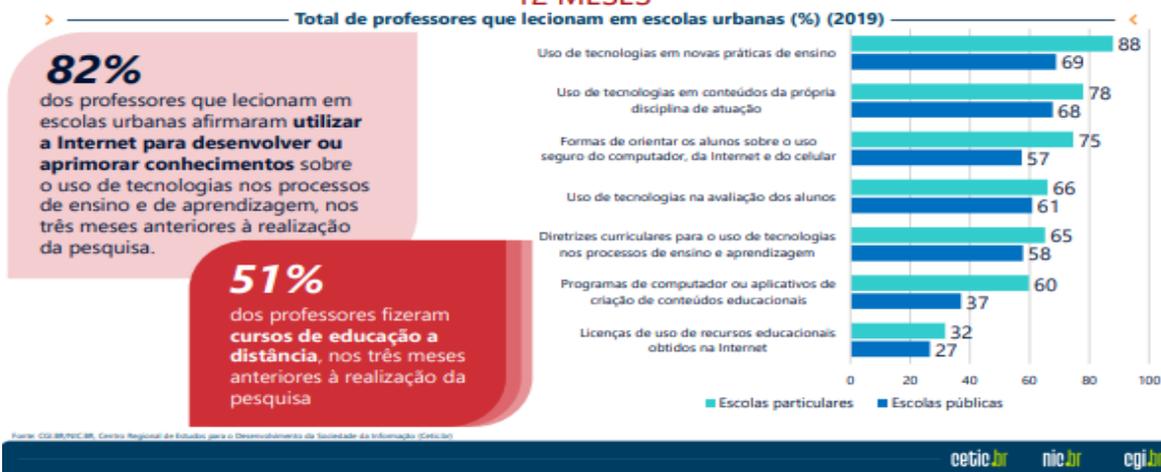


Gráfico II – Fonte: TIC Educação

Cabe à escola preparar o caminho para a inserção das novas tecnologias, ou seja, ela deve dar condições para o professor se aperfeiçoar no uso de novos recursos educacionais e cabe ao professor a não resistência, e, sim, a disposição à formação continuada.

A propósito, há vários cursos gratuitos de capacitação para se aprender a lidar com ferramentas do *Google*, por exemplo. Ferramentas que auxiliam muito no período de pandemia, quando a maior parte de nossas escolas estão com suas aulas *online* e ao vivo. Essas ferramentas facilitam tanto para o professor, em relação ao preparo de atividades, quanto para o fortalecimento e o engajamento dos alunos. Além disso, satisfazem os estudantes que estão ávidos por novidades. Essa preparação do professor se faz necessária, uma vez que os alunos, em sua maioria, possuem conhecimentos tecnológicos maiores que o de seus professores.

Embora, professores, em geral, não sejam seres totalmente desconectados, pois usam as tecnologias, mesmo que básicas a seu favor, é preciso que estes tenham em mente que a maneira de ensinar e aprender sofreu mudanças razoáveis desde sua formação como docente e o avanço tecnológico é um, se não o mais importante deles. Daí a necessidade de se ter competência e habilidade no manuseio das ferramentas tecnológicas.

Além disso, é necessário que os professores adquiram uma clareza em relação aos conhecimentos tecnológicos e às transformações ocorridas nas últimas décadas. Dessa forma, mudanças metodológicas e adaptação a novos modelos de ensino a partir do emprego de metodologias ativas para o ensino de línguas devem ser exploradas e exercitadas ao longo das aulas *online* ao vivo.

Os professores devem enxergar toda a mudança que invadiu nossas escolas devido à pandemia, como uma oportunidade formativa. Eles devem procurar cursos que complementem seus conhecimentos sobre os recursos tecnológicos que podem facilitar as práticas na sala de aula *online* ao vivo, tendo sempre em mente que a responsabilidade de criar projetos, atividades e de promover a interação continua sendo deles. Desenvolver a autonomia e o protagonismo dos alunos, com pandemia ou sem pandemia, continua sendo papel do professor.

Cientes de como as ferramentas digitais, de fato, contribuem com o processo ensino-aprendizagem o professor deve, por assim dizer, estar qualificado para enfrentar as adversidades educacionais que, porventura, aparecerem. No entanto, se faz necessário que, para tanto, os professores desenvolvam habilidades em lidar com as aulas remotas, ou seja, os profissionais da educação frente às novas circunstâncias devem se preparar de forma efetiva. Para que cada vez mais, a nova rotina de aulas *online* ao vivo seja parte prazerosa da rotina dos alunos.

4. AULA ONLINE E AO VIVO: UMA NOVA PROPOSTA PARA O ENSINO

A reviravolta tecnológica que vinha se firmando na Educação de forma gradativa tomou uma velocidade espantosa com a pandemia e as dificuldades enfrentadas por professores e alunos emergiram.

Essa situação colocou ambos, professor e aluno, em uma nova situação em que os problemas parecem ser intransponíveis, já que, o ponto principal em uma aula deixou de ser os recursos tecnológicos passando a ser a capacidade em utilizar as ferramentas digitais e interagir, propiciar a ludicidade e o fazer coletivo (ANDRADE, 2020).

Na era covid-19, de acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, uma das medidas mais importantes para se combater o vírus é o isolamento social; assim sendo, um novo modelo de aula teve de ser adotado, o *online* ao vivo. E neste novo modo de ensino, o professor precisa ser midiático, além de, mediador.

No modelo de ensino *online* ao vivo, a interação tem sido o maior desafio para os professores, pois em uma aula presencial o professor consegue interagir e dimensionar o entendimento do aluno; já, no espaço virtual, a dificuldade está em perceber se o aluno compreendeu o conteúdo ou não, já que, muitas vezes, ele não abre sua câmera e isso dificulta o contato visual virtualmente. Outro ponto desafiador para o docente é a falta de atenção do aluno, pois em casa o aluno tem muitos outros focos que o distraem, assim, captar a atenção deste à aula se torna uma tarefa hercúlea para o professor.

Essa nova proposta de ensino requer escolhas de ferramentas tecnológicas adequadas ao perfil dos alunos e utilização de maneira apropriada, assim gerando maior interação entre eles. Nessa nova modalidade as atividades são importantes e devem ser realizadas em pares ou grupos, dessa maneira as ferramentas tecnológicas permitem a todos expressarem seus conhecimentos e suas opiniões, de modo que os educandos exteriorizem seus conhecimentos de mundo e conseqüentemente tornem-se agentes ativos no processo de aprendizagem e decorrente disso, se sintam motivados.

Há diversas ferramentas e plataformas que podem ser utilizadas nas aulas online ao vivo e que permitem a interação e autonomia do educando:

- *WhatsApp*: pode ser utilizada para discussões individuais ou em grupo ou por meio de listas de transmissão;
- *Google meet*: é uma plataforma de web conferência que comporta até 100 pessoas ao mesmo tempo;
- *Skype*: plataforma de comunicação que comporta um número reduzido de pessoas;
- *Google forms*: utilizado para a criação de avaliações e simulados em formato digital;
- *Microsoft Teams*: é uma plataforma que permite a realização de aulas por meio de vídeo chamada, com compartilhamento de arquivos e chat;

Embora haja diversas plataformas que podem ser utilizadas nas aulas ao vivo, o professor precisa mudar a sua postura frente ao ensino, tornando-se o mediador da aprendizagem que propicia situações nas quais os educandos sejam os protagonistas na busca pelo conhecimento.

É importante que as práticas pedagógicas antigas sejam aliadas à novas estratégias, de modo a atender ao perfil das novas gerações. Essa nova prática diz respeito à aprendizagem ativa, que permite ao aluno a autonomia na aprendizagem por meio de estratégias que permitem a interação.

Como exemplo de prática pedagógica ativa, temos o PBL, do inglês “*Problem-based learning*” ou “*aprendizagem baseada em problemas*”. Nessa abordagem, o professor apresenta um problema aos alunos e os estimula a buscar meios de solucioná-lo. Dessa forma, o professor deixa de ser o centro da aula e os alunos são engajados na busca pela solução. Os problemas apresentados devem ser parte do mundo do trabalho e devem permitir que os alunos possam atuar em busca de uma solução real. A aprendizagem ativa beneficia o aprendizado no ensino presencial, mas ainda mais nas aulas ao vivo, pois estamos separados por uma tela e precisamos manter o engajamento dos alunos.

Ao estabelecer uma prática pedagógica ativa, o professor tem a possibilidade de garantir um maior engajamento dos alunos, o que é extremamente desejável especialmente no ensino online e ao vivo. No ensino de língua inglesa, nos interessa

ainda permitir que os alunos desenvolvam maior competência discursiva e de comunicação na interação com os pares.

Os desafios enfrentados pelos professores diante das aulas ao vivo e das metodologias ativas são latentes, porém eles devem estar conscientes de que ao adotarem as técnicas de aprendizagem ativa, permitirão ao aluno pensar e conceituar, se posicionar em relação ao conteúdo e novos conhecimentos e interagir com seus pares, explorando valores pessoais e sociais.

A transição da aula de um espaço físico para um espaço virtual em caráter emergencial causou algumas inquietações aos professores, já que em sua formação não houve uma educação para atuação em ambientes tecnológicos que os preparasse para o desenvolvimento de estratégias para o ensino remoto.

Dessa maneira, professores precisam se reinventar para ensinar com criatividade, inovação e bom senso, atuando como mediadores e não como meros expositores do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da internet mudou de uma vez a forma como as aulas são organizadas e ministradas ao redor do mundo. Com a pandemia da covid-19, mudanças ainda mais severas tiveram de ser implementadas de forma muito rápida para atender às necessidades impostas.

A questão da formação de professores para atender a demanda, no entanto, ainda não é realidade no Brasil. Assim, será necessário discutir os currículos de formação de professores, especialmente nos cursos de licenciatura, para que o professor possa atuar como mediador no ensino *online* ao vivo, permitindo ao aluno a posição de protagonista, tão desejada no aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karen. *Guia Definitivo da Educação 4.0*. Disponível online em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/guia-definitivo-da-educacao-40>
Acesso em: 18/03/2021.

LDB – *Leis de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394. 1996.
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em março de 2021

MORAN, José Manuel. *Como transformar nossas escolas: Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados*. 2017. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 12 março 2021.

TIC Educação 2019. *Agência Brasil*, [S. 1.], 9 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-06/maioria-das-escolas-brasileiras-nao-tem-plataformas-para-ensino-online>.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-06/maioria-das-escolas-brasileiras-nao-tem-plataformas-para-ensino-online>. Acesso em: 12 de março de 2021.

TOKARNIA, Mariana. *Maioria das escolas brasileiras não tem plataformas para ensino online*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-06/maioria-das-escolas-brasileiras-nao-tem-plataformas-para-ensino-online>

TIC EDUCAÇÃO 2019. [S. 1.], 9 jun. 2020. Disponível em:

https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2019_coletiva_imprensa.pdf Acesso em 08 de abril de 2021.